

# BB investe no futuro da capital

O Banco do Brasil quer financiar o desenvolvimento econômico de Brasília, injetando recursos na agricultura e indústria brasilienses e motivando a geração de empregos. Para isso, já promove uma reformulação geral em sua estrutura, no nível da superintendência regional, e redireciona os recursos do Fundo do Centro-Oeste (FC) que não atendiam ao setor produtivo do Distrito Federal. Ao fazer tais declarações durante a quinta e última mesa-redonda do seminário Brasília em Debate, realizado ontem pelo Jornal de Brasília e pela Radiobrás, o presidente do BB, Alcir Calliari, reforçou que a instituição quer investir no futuro de Brasília, cidade que abriga sua sede.

Os participantes do debate foram unânimes em enfatizar que Brasília deve se firmar, desde já, como o exemplo para o desenvolvimento nacional. Caberá a Brasília tomar a dianteira na consolidação de uma nova visão econômica para o futuro.

Para o presidente do Banco do Brasil, Brasília é hoje um fenômeno mundial no aspecto urbanístico e deverá caminhar, basicamente, para um fortalecimento político voltado também para a liderança presumida do Brasil sobre o Mercosul, no ano 2000. As perspectivas para a Brasília do futuro passam, incondicionalmente, pela consolidação política do Mercosul, sua própria consolidação urbanística e o desenvolvimento em conexão com o turismo, frisou.

O secretário José Roberto Arruda defendeu que Brasília deve influenciar o desenvolvimento econômico do País e se afirmar como pólo de desenvolvimento do Centro-Oeste. Os problemas sociais, no entanto, não podem ser ignorados e devem ter solução no âmbito de políticas locais, ressaltou. O programa de assentamentos, defendeu, é a solução social para as grandes cidades, a fim de minorar os problemas da parcela da sociedade que vive marginalizada.

O ex-reitor da Universidade de Brasília, Cristóvão Buarque, destaca que o desenvolvimento da capital da República deve estar associado ao crescimento do País. Devemos pensar Brasília como parte integrante do Brasil e não como uma região privilegiada, salienta.

O empresário e deputado federal Osório Adriano (PFL-DF) fez questão de enfatizar que o Distrito Federal precisa ter uma nova política tributária. Segundo ele, essa é uma forma de viabilizar o crescimento industrial na região e possibilitar o desenvolvimento econômico, que irá absorver a mão-de-obra ociosa.



Tamanini, ao centro, coordenou o debate entre Arruda, Calliari, Osório Adriano e Cristóvam

## O debate

Vamos dar início, agora, à quinta mesa redonda da Brasília em Debate, uma promoção da Rádio Nacional, TV Nacional e do Jornal de Brasília.

Brasília é hoje uma cidade bem diferente daquela imaginada por seu criador, o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Criada com a perspectiva de uma população de 500.000 habitantes, na virada do século, Brasília tem hoje, 7 anos antes, quatro vezes mais habitantes que na virada do século, no ano 2000.

Brasília convive também com o fantasma do desemprego. São mais de 127.000 desempregados. A classe média está sendo levada para as cidades-satélites, já que os preços dos aluguéis estão afastando a população do Plano Piloto, o símbolo de Brasília.

Outro dado importante: o orçamento geral da União penalizou a capital federal com 48% dos cortes.

Diante de tantos problemas, como Brasília estará na virada do século?

Para debater essa questão foram convidados pelo Jornal de Brasília, Rádio Nacional e TV Nacional, o secretário de Obras do Distrito Federal, José Roberto Arruda, o ex-Reitor da Universidade de Brasília, Cristóvão Buarque, o presidente do Banco do Brasil, Alcir Calliari, e o deputado federal Osório Adriano.

Eu começaria perguntando ao presidente do Banco do Brasil, que tem a sede aqui na Capital Federal, o que Brasília, perspectiva para o ano 2000, como é a sua posição em relação a Ca-

pital Federal para o ano 2000?

— Alcir Calliari (presidente do Banco do Brasil) — Brasília é um fenômeno mundial hoje. Ela já tem uma tal transcendência nas discussões que se fazem sobre o urbanismo mundial que nos dá tranquilidade em saber que ela terá uma proeminência muito forte no ano 2000 dentro da visão de urbanismo. O Brasil se apresenta como um inovador na área de urbanismo. Experiências fantásticas se desenvolvem em nosso País e Brasília é um marco importante de todo esse processo.

Tenho certeza que ela caminhará, basicamente para um fortalecimento político voltado também para uma liderança que o Brasil vai ter no ano 2000 em cima do Mercosul e com uma consolidação muito forte na área de turismo. Eu penso que as perspectivas básicas de Brasília passam por essas três grandes faixas: a consolidação política do Mercosul, a consolidação urbanística a nível mundial, e também uma forte conexão com o turismo.

Também aqui a posição do deputado federal Osório Adriano, deputado e empresário, que reside em Brasília há muitos anos. Essa perspectiva do desemprego na capital federal — são mais de 127.000 desempregados hoje, — tende a melhorar ou a piorar com a chegada do ano 2000?

— Osório Adriano (deputado federal e empresário) — Acho que essa pergunta é muito boa, mas ela tem duas respostas.

Depende do que realizarmos ago-

ra. Nós, que somos como que responsáveis pela cidade através do nosso trabalho, da nossa luta, podemos mudar esse futuro, essa perspectiva para o ano 2000. Se permanecermos no imobilismo, se ficarmos só fazendo críticas, se não tivermos uma vontade política, uma vontade de ajudar essa cidade, as perspectivas serão negativas.

Mas sempre fui otimista, sempre lutei e acreditei no desenvolvimento. E é através do desenvolvimento, do nosso esforço, acreditando na nossa capacidade é que poderemos mudar essa perspectiva para uma perspectiva risonha, para uma cidade que ofereça condição de dignidade aos seus habitantes. E isso nós temos que fazer agora, lutar agora através desse desenvolvimento. Nós temos que acabar com a timidez dos empresários dessa cidade, temos que acabar com a timidez dos programas de ajuda do governo às empresas, criarmos incentivos no sentido de encorajar a todos aqueles que estão preocupados com a situação econômica desse país, possam se desenvolver, crescer, multiplicar suas empresas, dar empregos a esses 127.000 desempregados.

É essa a minha visão para ao futuro. Ela depende, sobretudo daquilo que conseguirmos realizar hoje.

Secretário José Roberto Arruda dentro 265 dias Brasília estará ganhando o seu metrô. E a chegada do ano 2000 com esse índice de desempregados, o metrô vai ser uma solução para ajudar a Capital Federal?

# É preciso sair do imobilismo

— José Roberto Arruda (secretário de Obras do DF) — Eu vejo o ano 2000 de duas maneiras: a primeira, e mais importante, é a retomada da visão de Brasília como pólo de desenvolvimento no Centro-Oeste. O presidente Juscelino Kubitschek, quando construiu Brasília, explicava para o País a construção da nova capital, primeiro como forma de conquistar o interior do País, de interiorizar o desenvolvimento. Até os anos 50 o mapa econômico do Brasil era extremamente litorâneo e nós vivíamos, brasileiros, como que de costas para o seu próprio território.

Retomar isso, quer dizer, fazer com que o Centro-Oeste sedie um novo período e um novo modelo do desenvolvimento nacional é fundamental para Brasília como cidade, inclusive para que as cidades-satélites tenham vida própria, vida econômica auto-sustentável, possa haver geração de empregos, e as cidades-satélites possam se ligar ao entorno e o entorno possa se ligar à região geo-econômica com uma diferença de qualidade de vida menor do que se assiste hoje.

O segundo vetor é o vetor de Brasília urbanismo, que o presidente do Banco do Brasil colocou tão bem. Eu acho que Brasília foi construída, o Plano Piloto num modelo novo, de cidade-capital, e isso deu certo, mas as cidades-satélites cresceram muito e os números de população que você trouxe mostram isso.

Agora veja, se nós construímos o metrô, e se Deus quiser daqui um ano estaremos inaugurando, ele é muito mais do que um meio de transporte rápido, eficiente, econômico. Ele é, principalmente, a construção da coluna vertebral da cidade, como se o Plano Piloto fosse a cabeça, as cidades-satélites fossem os seus membros, e para ele se estruturar era preciso construir esse meio estruturador do transporte coletivo.

Com isso, é possível em Brasília, que as pessoas de menor renda possam viver nas satélites, possam viver nos assentamentos, tendo, no entanto, acesso à cidade-capital que é o Plano Piloto, sem o adensamento indisciplinado que se viu no Rio, em São Paulo e em outras cidades do Mundo.

Para que o ano 2000 apresente uma Brasília com boa qualidade de vida acho que são necessárias algumas coisas.

Primeiro que a gente obedeça a esse plano diretor de crescimento urbano, que o Plano Piloto seja preservado no seu modelo de cidade-capital, mas que as cidades-satélites, através de todos os tipos de incentivos dentro de um modelo econômico que se escolha, tenham auto-sustentação, tenham emprego e se unam ao Entorno.



A equipe da TV Nacional gerou as imagens do debate desde o *Jornal de Brasília*

Segundo, que nós tenhamos condições de resgatar os ideais de Juscelino Kubitschek de fazer com que o Centro-Oeste brasileiro sedie um novo modelo de desenvolvimento.

Tem tudo para isso, tem clima, tem terras férteis, tem área disponível, tem tudo, enfim, para que um novo modelo de desenvolvimento nacional seja centrado no Centro-Oeste desconcentrando o Sul-Sudeste, até por razões de concentração econômica mesmo, e social, com índices e com parâmetros extremamente negativos em função do que aconteceu nos últimos 30 anos.

Professor Cristóvam Buarque, o Senhor foi reitor de uma das mais importantes universidades brasileiras. E essa juventude cara-pintada de hoje, como vai encontrar Brasília no ano 2000 já que no ano 2000 essa juventude então estará no mercado de trabalho?

— Cristóvam Buarque (ex-reitor da UnB) — A pergunta é muito bem colocada porque esses caras-pintadas vão encontrar Brasília da mesma maneira em que encontrarem o Brasil. E esse é um grande equívoco de muitos de nós que falamos no futuro de Brasília como se fosse possível um futuro isolado para Brasília, diferenciado do resto do Brasil.

O Brasil está numa encruzilhada, numa profunda encruzilhada em que, ou nós continuamos o rumo de um projeto industrializante, urbanizador e que foi excludente da população, que

criou marginais, que criou pobreza, que aumentou a fome, ao lado da riqueza, ou a gente faz um outro projeto. Um projeto onde a ênfase seja dada na solução dos problemas de base para toda a população, ao mesmo tempo em que mantém uma economia eficiente na produção dos supérfluos para uma parcela que já atingiu esse nível de consumo.

Se escolhermos o primeiro caminho, o caminho da apartação, do apartheid social, da segregação, da desigualdade, Brasília vai ser uma cidade cercada. Não é o que queremos. Para Brasília ser uma cidade aberta para todos é preciso um radical investimento nas áreas sociais, o atendimento dos valores essenciais para todos os brasileiros, porque se não for para todos os brasileiros Brasília não terá, porque

“ Até os anos 50 o mapa econômico do Brasil era extremamente litorâneo e nós vivíamos, brasileiros, como que de costas para o seu próprio território ”

cada vez que Brasília tem, virão outros.

Então ou os caras-pintadas, os jovens de Brasília se unem na reformulação de um projeto nacional ou teremos muita dificuldade em ter um projeto específico para Brasília.

Aproveitando aqui a presença do presidente do Banco do Brasil, já que o Banco do Brasil tem uma atuação muito forte aqui na Capital Federal e também como em todo o País, e aqui está a sede do Banco do Brasil.

Que Tipo de incentivos Brasília pode contar, daqui pra frente, do Banco do Brasil como forma de se desenvolver ainda mais?

— Alcir Calliari (presidente do Banco do Brasil) — Eu pego o bote dado pelo nosso reitor, que realmente bate no processo principal. O nosso País, através de um modelo de desenvolvimento que se esgotou, chegou a um impasse: toda solução passa por uma ampla reforma do modelo de desenvolvimento brasileiro. Um dos problemas mais sérios de Brasília certamente é o problema de todas as grandes cidades brasileiras: a desestruturação do homem do campo, a fuga das pequenas comunidades, o inchaço dos grandes conglomerados urbanos estão trazendo toda uma desarrumação que precisa ser contida. Ou nós voltamos a dar qualidade ao meio do mato, qualidade aos setores rurais e aí reter o pessoal todo evitando a insegurança que se instala nos grandes centros urbanos ou nós vamos ter muitos problemas.

● ● *Um dos problemas mais sérios de Brasília e certamente o de todas as grandes cidades é a fuga das pequenas comunidades. O inchaço dos grandes conglomerados urbanos está trazendo toda uma desarrumação que precisa ser contida* ● ●

Alcir Calliari



# O modelo nacional está esgotado

A sua pergunta: "E o Banco do Brasil, o que pode fazer?" Acho que dentro do modelo nacional, muito. É o maior instrumento capaz de reter, nas pontas, essa desestruturação de sistemas rurais. Portanto, evitando o êxodo rural, evitando todo esse processo de inchaço que Brasília também já vem sofrendo. E como bem dito aqui pelo Arruda: "criando problemas na concepção até do Plano Piloto, pela saturação das cidades-satélites".

O Banco do Brasil como grande empresa instalada em Brasília, nós temos 8.500 funcionários em Brasília, a nossa matriz está aqui com muita honra, pretende se dedicar muito aos destinos da cidade. Nós somos uma empresa da cidade, nós queremos nos comportar trabalhando junto em todos os segmentos da sociedade para que nós possamos ser co-partícipes da formulação dos destinos dessa cidade.

O banco hoje gerencia o Fundo do Centro-Oeste, vinha gerenciando isso de forma inadequada. Toda a população, todo o empresariado estava revoltado com a forma como vínhamos atuando. Estamos trabalhando também nessa formulação de concepção integrada com os destinos da sociedade, com um plano diretor de Brasília e, portanto, nos comprometendo com os destinos de Brasília.

Acho que esta é uma forte visão que temos. Acho que também passa muito forte o ano 2000... se Brasília vier a ser contemplada com a Olimpíada do ano 2000 terá um caminho certamente; se não vier o caminho será minimizado. Nós todos teríamos que nos unir fortemente para poder viabilizar esse evento.

O empresário e deputado federal Osório Adriano, o Senhor falou da questão do apoio do empresariado na Capital Federal. Nós não temos um parque industrial, temos desemprego, tem uma série de problemas.

Essa questão colocada pelo presidente do Banco do Brasil, do êxodo rural, não é hora de parar com essa política de assentamento, essa política de distribuição de lotes como forma de reduzir então o número de habitantes na Capital Federal, e reduzir, evidentemente, o problema de desemprego?

— Osório Adriano — Realmente essa questão, esse problema dos assentamentos, ele vai um pouco além porque envolve fortemente o problema social. O governador Joaquim Roriz quando assumiu o governo, ele realmente encontrou esse problema: pessoas morando debaixo das pontes, debaixo de viadutos, à beira do Lago, poluindo, em favelas, e realmente ele tinha que dar uma solução a este problema.



Osório Adriano (E) e Cristóvam Buarque mantiveram um bom nível no debate sobre Brasília

Mas este problema gera outros, porque começa uma migração muito forte para dentro do nosso Distrito Federal. E quando eu defendo o desenvolvimento, é porque nós agora que temos esse problema não totalmente resolvido, mas pelo menos equacionado, eu acho que a preocupação maior do Governo do Distrito Federal seria no sentido de dar condição para que esse pessoal já assentado possa, através do seu trabalho, através da sua capacidade, ganhar dinheiro suficiente para construir a sua casa de maneira decente, não somente um barraco de lona, mas construí-lo com dignidade, com o orgulho de ter o seu próprio teto e também de alimentar a sua família.

Acho que a condição de vida no Distrito Federal nesse instante, nesses assentamentos, deixam muito a desejar. E somente através do incentivo, o incentivo de órgãos como o Banco do Brasil, como o BRB, que noutras épocas ajudou muito essa cidade — eu não me refiro a incentivos subsidiados, porque o BRB no passado tinha o FUNDEF, e esse FUNDEF era altamente subsidiado, o que não gerava... constantemente fazia com que o governo do DF teria que estar acrescentando ou teria que estar injetando dinheiro nesse fundo porque ele ia se acabando.

Então, ao que me refiro são incentivos de impostos, é geração de impostos, como está fazendo o Estado de Goiás. 5, 10 anos na vida de uma cidade é muito pouco. E uma empresa que se inicia, com incentivos, ela terá condição de dar de volta ao governo muito mais através dos impostos que irá recolher após decorrido esse período de incentivo.

Secretário José Roberto Arruda,

diante dessa colocação do deputado Osório Adriano, essa questão dos problemas sociais de Brasília, daqui pra frente, até a chegada do ano 2000, que é o tema de hoje do Brasília em Debate, saúde, segurança, saneamento básico, isso está preocupando o Governo do Distrito Federal?

José Roberto Arruda — Está preocupando, Tamanini, mas antes eu queria fazer uma correção: Nós estamos misturando aqui causa com consequência, problema com solução.

Primeiro a causa. Eu acho que o Prof. Cristóvam foi muito feliz quando disse que o modelo econômico adotado no País nos últimos 30, 40 anos, foi extremamente pernicioso ao desenvolvimento social e harmônico da nossa sociedade.

Mesmo na década de 70, por exemplo, quando houver crescimento econômico real, a divisão dos resultados positivos desse crescimento foi tremendamente injusta e concentradora. Mas não foi apenas concentradora de renda nuns poucos que ficaram muito ricos em detrimento de muitos que ficaram muito pobres. Ele foi também concentrador ao nível de região. Enquanto determinadas regiões do País cresceram ao nível econômico e elevaram os seus índices de convivência social, outras regiões ficaram extremamente pobres e, é claro que isso gerou o fenômeno da migração.

Por que que 1,6 milhão de pessoas vieram para Brasília? Por que aqui tinha mina de ouro? Não é não, é porque estavam passando fome nos seus lugares de origem. Isto é a causa.

Agora, vamos à consequência. Já eu volto para o particular do Distrito

Federal. Nós tínhamos dois caminhos: ou construíamos em torno de Brasília uma muralha, como se fosse uma muralha da Idade Média, e dissemos: aqui dentro todo mundo é rico, todo mundo vive bem, todo mundo tem casa no Lago, com piscina, antena parabólica, três carros na garagem, agora, lá fora da muralha da Idade Média, que passem fome, que sejam desempregados, que não tenham escola, que não tenham hospital.

É essa a sociedade que desejamos? Eu já sobrevoei várias vezes Brasília e não enxerguei esse muro.

Muito bem, o segundo caminho é a realidade. Existe em Brasília 1,6 milhão de pessoas e tínhamos há quatro anos atrás 62 favelas. Pessoas que moravam em barracos, com o esgoto passando dentro dos barracos, pessoas que não tinham cidadania, pessoas que não reivindicavam, porque que não tem endereço, não reivindicam, não mora. E era preciso dar uma solução a isso. Criou-se o programa do lote urbanizado. Eu defendo esse programa como solução social para as grandes cidades, porque depois da falência do modelo do BNH, porque faliu o banco, faliram os mutuários, faliu o modelo conceitual, não tinha surgido nada de novo no Brasil para casa para pobre.

Samambaia e os assentamentos são uma solução nova. Tem erros? Vamos criticá-los e vamos corrigi-los. Mas merece a nossa reflexão. Cada cidadão pobre recebeu um lotezinho de 100 m<sup>2</sup>, no primeiro construiu o seu barraco de lona, no segundo mês fez um barraco de madeira, e hoje mais de 80% das casas são de alvenaria. Já cria-se a economia auto-sustentada.



● ● Poucos empresários de transportes ficaram ricos à custa de um preço de passagem alta. O transporte de Brasília é caro e ruim porque é monopolizado. O Governo está assumindo isso através do metrô para torná-lo socialmente mais justo ● ●

José Roberto Arruda

# Assentar foi solução inovadora

Eles viraram cidadãos e a partir daí reivindicaram. E aí tem gente com medo do que eles reivindicam, porque pobre tinha que ficar calado, fazer de conta que não tem pobre para não incomodar a gente. Ora essa! Era preciso dar uma solução a isso.

Só este ano, para você ter uma idéia, nós construímos 300 km de rede de água em Samambaia. A água que o cidadão de Samambaia toma na sua casa é igualzinha a de um morador do Lago Sul. É preciso prestar atenção nisso.

Agora, aí as pessoas vêm e dizem: "Mas aí os assentamentos ficam feios olhando de cima do avião". Há duas maneiras de ver os problemas sociais do Brasil. Uma delas é olhando da janelinha do avião.

E outro dizem: "Mas era migração".

A UnB fez uma pesquisa e demonstrou que a primeira causa de migração para Brasília é emprego, a segunda é hospital, a terceira é escola e só a quarta é habitação. E que 73% das pessoas que vêm para Brasília já tinham lote no seu lugar de origem.

Agora eu pergunto: se o hospital, por exemplo, gera migração, vamos piorar os nossos hospitais, vamos deixar faltar remédio? 60% das pessoas atendidas nos hospitais de Brasília são de fora de Brasília. Não vamos atendê-los, vamos fechar as portas para eles, porque aí o pessoal migra? Ora, não podemos confundir causa com consequência.

Eu acho que para que o ano 2000 seja... a gente veja o ano 2000 com otimismo é preciso duas coisas: um vetor maior, que é um modelo de desenvolvimento nacional, com uma distribuição de renda mais justa, menos concentrador, menos privilegiador para a elite econômica brasileira. Ponto número 1.

Ponto número 2. Ao nível local, não vamos cruzar os braços para os problemas sociais e vamos buscar soluções próprias e locais para minorar os problemas dessa grande parcela da sociedade que vivia marginalizada. Dessas 62 favelas, 59 foram erradicadas para os assentamentos e vivem com mais dignidade. Apenas 3 foram fixadas, e essas que foram fixadas também vivem com dignidade, porque foi possível, no Varjão, no Paranoá e na Vila Planalto, levar rede de esgoto, de água, pavimentar as ruas, fazer escolas e fazer com que as pessoas vivam com dignidade.

Eu sei que eu estou sendo um pouquinho longo, mas só para completar: a empregada doméstica lá do Rio de Janeiro, que há 30 anos foi expulsa da Zona Norte e teve que morar na favela da Rocinha para ficar perto da patroa



Debatadores apontaram caminhos para o crescimento de Brasília

que mora no Leblon, ela fez isso porque ela não conseguia pagar a passagem de ônibus porque na Zona Norte não tinha a qualidade de vida que tem na Zona Sul. Aí depois de 30 anos desse fenômeno horrível da urbanização insensata, que fez com que a Zona Sul do Rio de Janeiro ficasse inviável ao nível de qualidade de vida, os administradores vêm e constroem um metrô caríssimo, há US\$ 130 milhões o km, com grandes desapropriações, métodos construtivos caríssimos e o pior de tudo, é claro que a empregada doméstica não volta da Rocinha para a Zona Norte — o fenômeno do adensamento do centro urbano não tem retorno.

Por outro lado, aqui em Brasília, antes que esse fenômeno do adensamento indisciplinado se tornasse inviável, nós estamos construindo o elemento estruturador de transporte coletivo a US\$ 15 milhões o km, portanto, a um preço dez vezes inferior ao metrô do Rio. São Paulo e outros centros, fazendo com que as pessoas tenham dig-

nidade naquilo que é a sua propriedade, nas cidades-satélites ou nos assentamentos, mas também tenham o justo acesso ao centro urbano, ou ao emprego, ou ao lazer, ou ao centro urbano simplesmente.

É preciso que isso se desse. Eu acho, eu defendo realmente o programa de assentamentos como uma nova política social surgida no Brasil que só tem paralelo na história recente brasileira em Recife... de Miguel Arraes nos anos 60, é preciso merecer a nossa reflexão, e defendo a construção do metrô como elemento da estruturação das vias urbanas de Brasília, como um único meio capaz de a gente, nós todos nos reunirmos aqui no ano 2000 e o Plano Piloto estar preservado, igualzinho como Lúcio Costa projetou, para as pessoas das cidades-satélites e dos assentamentos terem vida com dignidade e auto-sustentável.

Brasília em Debate é uma promoção da Rádio Nacional, da TV

“Eram pessoas que moravam em barracos, que não tinham cidadania, que não reivindicavam, porque quem não tem endereço, não reivindica”

Nacional e também do Jornal de Brasília, com o apoio do governo do Distrito Federal, da Câmara Legislativa e da ECT — Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Reitor Cristóvam Buarque, para chegar a essa situação de otimismo na virada do século, qual é o modelo econômico ideal para o Distrito Federal? O que está sendo desenvolvido hoje ou precisa haver, então, uma modificação?

Cristóvam Buarque — Não há um modelo ideal para Brasília isolada, Brasília é parte de uma nação chamada Brasil e creio que não há separatistas dentro de Brasília para imaginar um projeto exclusivo de Brasília.

É nesse sentido que eu tenho a impressão que sinto a obrigação de qualquer governante resolver os problemas locais e havendo favelas, e existindo terras disponíveis como nós tínhamos, era obrigação do governo fazer os assentamentos. Isso estou de acordo.

Creio que uma frase infeliz do governador Roriz foi dizer que ninguém é invasor dentro do seu próprio país. O que eu acho que houve sim, e pode ser uma provocação de José Roberto Arruda essa incoerência do governo atual, do Distrito Federal, de fazer assentamentos aqui que é uma posição progressista, mas com uma política e uma proposta, uma posição extremamente conservadora em relação ao Brasil.

Era preciso fazer assentamento aqui mudando a estrutura agrária do Nordeste para que não houvesse um fluxo tão grande de imigrantes. Se eles chegam, temos que tratá-los como brasileiros.

Mas eles não vêm, como disse o próprio secretário, por vontade própria. Eles vêm expulsos e nós fizemos isso... Brasília não tem sido uma plataforma de lançamento de um novo projeto nacional, e fica inviável resolver.

Por outro lado, para não fazer a cerca, não basta incorporá-los fisicamente. E hoje eles já têm o terreno, mas eles continuam fora da cerca na educação e na saúde. E isso também não se resolve só em Brasília.

Quais são as propostas para um programa nacional que evitaria que cada vez que a gente resolva um problema surjam dois?

São cinco pontos, a meu ver, que a gente tem que... primeiro, tem que ser um projeto democrático. E eu então, como democrático, respeito as liberdades individuais, inclusive e talvez até especialmente as liberdades empresariais formam um país de pobreza como o Brasil.

● ● *Eu continuo insistindo: podemos incentivar educação, a saúde, o lote, mas sobretudo é preciso alimentar a fome do povo. E como é que vamos fazer isso? É através do emprego e de um salário justo* ● ●

Deputado Osório Adriano



# Buarque sugere projeto nacional

Segundo, tem que ser a abolição radical e definitiva nesse País de dois tipos de brasileiros. Todos os brasileiros têm que ter acesso pelo menos à educação e saúde, ter um lote com saneamento e água potável, um sistema de transporte urbano que lhe garanta ir de casa para o trabalho...

O terceiro é uma economia eficiente. Não dá mais para se resolver o essencial de todos abandonando o supérfluo, que alguns já se viciaram e que a democracia exige que continue.

O quarto é que tudo isso tem que ser feito respeitando o equilíbrio ecológico. Então, vale a pena fazermos isso e a próxima geração, não?...

E o quinto é que isso tem que ser feito com um país que não seja fechado, um país que tenta, pelo menos em longo prazo, a se abrir plenamente ao mundo exterior. E eu acho que isto é viável, o Brasil tem condições de fazer isso. Não é a escassez de recursos. O que há, e eu noticio no debate, não é burrice de brasileiro. É egoísmo das elites brasileiras nas quais nós nos devemos incluir. É um egoísmo. Nós não queremos ver que podemos trocar uma coisa por outra, trocar a dignidade do Brasil-miséria, talvez pelo privilégio de algumas... supérfluas, mas não de todas, porque eu acho que o País pode crescer.

Eu... proposta do Brasil, que Brasília não está sintonizada nisso. Na hora que todos os brasileiros tiverem escola, saúde, um lote, água potável e saneamento, a migração já não virá para cá, até porque é uma migração que pesa muito ainda que não fique aqui, que é a migração para atendimento de saúde.

Se a gente consegue, de Brasília, envolver-se nisso, da mesma maneira que Brasília foi um símbolo do desenvolvimento industrial e econômico dos anos 50, pode vir a ser agora o símbolo do desenvolvimento social de um Brasil não simplesmente rico, de um Brasil diferente, de um Brasil com justiça.

**José Roberto Arruda : Tamani, posso fazer uma colocação?**

...porque eu acho que isso talvez seja a coisa mais importante de se discutir na nossa geração em Brasília.

A primeira questão que eu colocaria é a seguinte: o prof. Cristóvam é muito feliz quando ele coloca que o governo de Brasília, o governador Roriz, tem sido progressista na sua política urbana, mas muitas vezes aparece como conservador ao nível de como participante, como liderança que influi na política nacional.

É verdade. Eu atribuo isso em parte não ao perfil político dele, que é um cidadão até que tem uma vida política de oposição ao sistema militar, de

briga por uma vida democrática. Eu atribuo isso a uma miopia de certos setores políticos que teimam em achar que o projeto de assentamento, por exemplo, não é progressista. E aí para dizer que não é progressista... mas ele distribuiu lotes com populismo. Mas populismo é forma, eu estou discutindo conteúdo, ainda que seja.

Se na minha casa, que eu tenho

três filhos, se eu tiver uma coisa de consenso os vizinhos prestam atenção, mas se eu pensar uma coisa e dois filhos pensarem diferente já não é consenso mais. Eu acho que era preciso que as pessoas inteligentes, as pessoas que pensam em Brasília se sentissem à vontade de dizer ao Brasil, independente das suas lutas políticas paroquiais, digam: "— Olha, lá em Brasília

lia fez-se a maior reforma urbana da história deste País. 100 mil famílias ou 500 mil pessoas receberam a cidadania através da propriedade do lote. É preciso ver isso.

Se nós em Brasília não nos juntarmos nesse consenso, é claro que não influenciaremos o Brasil.

No que diz respeito especificamente à educação e saúde, acho que o prof. Cristóvam tem toda a razão, e no caso da saúde eu diria que não conseguimos resolver ainda, mas no caso da educação estamos partindo para isso. Há um dado importante: todas as crianças de Brasília, do Distrito Federal, em idade escolar, tiveram este ano garantida a sua matrícula na rede pública. Não há fato semelhante em qualquer outro Estado brasileiro, sequer em São Paulo.

Segundo, não satisfeito com isso, o governador Roriz fez um arrastão, que nós chamamos de arrastão, que é "A escola bate a sua porta", e fomos buscar 4.500 crianças que não tinham se matriculado por questões até de miséria, que é mesmo, e levamos essas crianças para as escolas.

A rede pública de Brasília, neste particular, já é um exemplo.

Mas estou absolutamente de acordo que nós deveríamos ser — talvez todos nós — menos egoístas no que diz respeito à vida política no Distrito Federal. E devíamos ter o consenso de grandes teses, porque Brasília é plataforma de lançamento de idéia para este País.

Nós poderíamos, a partir de Brasília, influenciar muito mais do que influenciemos hoje, nos rumos da vida nacional. E acho que o deputado Osório Adriano, que está aqui, é um exemplo disso por duas razões: ele acaba de inaugurar uma fábrica — eu até discuto se a Coca-Cola é importante para o modelo de país que a gente deseja ou não — o que eu sei que é fundamental são os 12 mil empregos que ele vai gerar, não importa se fabricando Coca-Cola ou qualquer outra coisa. A segunda coisa que me parece fundamental é que pessoas que, como ele, tenham o privilégio de ser escolhido pela população para representá-los no Congresso Nacional, tem, cada vez mais a obrigação de mostrar essas soluções, ainda que particulares, encontradas em Brasília, para que elas sejam discutidas ao nível nacional.

**Osório Adriano:** — Realmente eu sou inteiramente favorável a essa solução do assentamento e o nosso secretário de Obras, Arruda, defende com muito brilhantismo essa solução. O professor Cristóvam mencionou aqui a educação, principalmente a educação e a saúde. Mas eu continuo —, e me permito continuar — insistindo. Podemos incentivar educação com a saúde, com



Então, ou os cara-pintadas, os jovens de Brasília, se unem na reformulação de um projeto nacional, ou teremos muita dificuldade em ter um projeto específico para Brasília

Cristóvam Buarque

# BB quer gerar mais empregos

o lote, mas sobretudo é preciso alimentar a fome do povo. E como é que nós vamos fazer isso?

E exatamente o que eu disse no início: é através de um emprego, de um salário justo, um emprego que dê condição de dignidade à pessoa humana. E como é que nós vamos dar emprego a esse povo todo? Através do incentivo, principalmente à microempresa, à pequena empresa. Agora, que elas não fiquem micros e pequenas toda a vida, porque a empresa que não se preocupa com o seu próprio crescimento para ser grande amanhã, ela está fadada ao insucesso.

Então nós precisamos buscar a forma de incentivar essas empresas para que elas gerem os empregos e dê condições de nós entrarmos no ano 2000 com uma cidade justa, com uma cidade onde o povo seja feliz.

O secretário Arruda disse que Brasília já resolveu um problema sério: o problema da educação. O deputado federal Osório Adriano fala da questão da fome. Brasília já convive também com a fome, já que temos aqui mais de 100 mil desempregados. E o Banco do Brasil, nessa área de combate à fome, de combate à inanição da população, que planos tem?

Alcir Calliari: — O Banco do Brasil está incorporando-se de corpo e alma. E quando eu fala de corpo e alma é institucionalmente, e toda a sua massa de 120 mil funcionários espalhados pelo País no combate à fome.

Dentro da visão de nosso egoísmo, classe média remediada ou alta, cabe um caminho importante que o sociólogo Herbert, o Betinho, tem aberto à discussão no País. Nós temos que nos preocupar seriamente no compromisso individual que acaba criando a cidadania, acaba criando o comportamento político, acaba criando a alteração de todo o sistema democrático do País, porque de que adianta ter institucionalizações de democracia se não há o compromisso da participação, se não há o compromisso do envolvimento?

No Banco do Brasil nós estamos revisando todas as diretrizes operacionais da empresa voltadas para priorizar aquilo que gera emprego, porque o que combate a fome? Concordo totalmente com o nosso deputado: o que combate a fome é a dignidade do emprego. Uma pessoa que tem o seu emprego definido, tem o seu salário definido, digno, ele pode se transformar num cidadão, ele não precisa estar procurando benesses de ninguém. Eles têm a auto-sustentação da própria dignidade.

Então nós estamos revendo, em nível de planejamento estratégico, todas as linhas de ação do Banco do Brasil, a busca da melhor forma como a empresa pode contribuir para reduzir a



Os debatedores apóiam a iniciativa do seminário e sugerem levar a programação às satélites

miséria, reduzir as desigualdades regionais, reduzir as desigualdades pessoais. Isso é a obrigação de uma empresa de governo, como eu acho que também deveria ser uma obrigação das empresas privadas.

De outro lado, as várias associações de funcionários de bancos — o Banco do Brasil tem uma característica diferenciada — ele tem 5 mil pontos de atendimento espalhados pelo País e tem funcionários oriundos da classe média, da classe baixa. Eu, por exemplo, entrei no banco e a minha família era muito pobre. Eu fiz concurso público e entrei para o Banco do Brasil tendo uma origem muito humilde, da qual me orgulho. E isso fez permitir com que nós tenhamos hoje pessoas muito sensíveis ao problema social, porque a origem do funcionalismo do banco pode ter chegado a um elitismo, mas nós não abandonamos a visão clara das nossas origens.

Então o Banco do Brasil, também através dos seus 120 mil funcionários, está criando fortes programas de distribuição das discussões no Brasil inteiro, da formação de comitês contra a fome. Nós devemos criar em todos os municípios brasileiros, junto com o programa que vem se desenvolvendo de comitês que possam atuar retendo o homem no seu habitat, porque uma das coisas que me preocupou na discussão aqui é o investimento em qualidade, que, centralizado, desestrutura e trai a qualidade das periferias.

Então enquanto nós não tivermos a qualidade distribuída, nós teremos a concentração em busca da qualidade que a televisão mostra e que acaba sendo gerada nos grandes centros urbanos. É lógico que os gestores dos grandes centros urbanos têm a obrigação de buscar qualidade, mas a qualidade, por trás dela vem toda uma demanda reprimida do resto da sociedade e que traz o que hoje é reconhecido como postura de Terceiro Mundo. Grandes conglomerados urbanos já não fazem parte do desenvolvimento.

O desenvolvimento espacial, a qualidade distribuída, a geração de condições de retenção das pessoas com dignidade, o combate à fome e à miséria, passa por aí, e o Banco do Brasil incorpora-se de corpo e alma, porque essa, além de ser uma diretriz do governo Itamar Franco, é uma diretriz humana das próprias pessoas que compõem e fazem a alma do Banco do Brasil.

O ex-reitor Cristóvam Buarque. Essa juventude migratória que vem para Brasília, imigrando para Brasília, no ano 2000 ela vai conseguir sentar-se nos bancos da universidade?

Cristóvam Buarque — Eu não estou nem preocupado ainda se vai nos bancos da universidade. Eu estou preocupado se ela terminará as quatro primeiras séries do primeiro grau, por que hoje, dos 31 milhões de crianças, apenas 10 terminam as quatro primei-

ras do primeiro grau no Brasil. Isso é que é absurdo.

A universidade nunca vai ter toda a população de um país. Agora, até o final do 2º grau ninguém deveria ficar excluído. E aí que eu retomo um pouco do que o José Roberto falou: é até possível que tenha se criado matrículas para todos, aqui. Mas na primeira série, quando toma na segunda já foram excluídos alguns, quando chega na quarta, já foi excluída a metade a nível nacional. A gente tem que parar isso.

Eu estou de acordo com o doutor Osório quando ele fala que a fome é o problema central. Mas não é o problema único, fundamental. Eu admito que na Somália a gente diga que a forma é o problema. E eu admito que em algumas zonas específicas do Nordeste, por causa da seca, hoje, a gente diga que a fome é o problema. No Brasil não dá. É muito pouco. Os problemas do Brasil são aqueles cinco fundamentais. Tem gente que depois do trabalho não pode ir para casa porque o salário não dá para pagar o ônibus, tem gente que não termina as quatro primeiras séries do primeiro grau, tem gente que morre em fila, tem gente que não tem onde morar porque é expulso, e quando tem não tem água potável nem saneamento e sofre de cólera. É isso que a gente tem que resolver. E isso dá para resolver nesse País. Mas tenho a impressão que a gente tem que fazer uma subversão, uma subversão da lógica como a gente enfrenta as coisas.

Por exemplo, só o emprego não vai fazer isso. Discordo do José Roberto quando ele diz que 12 mil empregos tanto faz para fazer uma coisa como outra. Até Coca-Cola eu gosto. Mas é diferente de usar para fazer uma indústria de armas, para dar um exemplo, e fazer saneamento.

Deveríamos ter consenso das grandes teses, porque Brasília é a plataforma de lançamento de idéias para este País

Portanto os bancos — e o Banco do Brasil — têm que se voltar totalmente para o desenvolvimento da indústria e da agricultura. Nós estamos rearrumando as linhas do Banco do Brasil neste sentido

Alcir Calliari



# “A fome é o problema central”

Um dos equívocos da política do governo do Distrito Federal, hoje, em relação ao Nordeste, é estar criando frentes de trabalho sem se preocupar o que esta frente vai fazer. Me interesse se se criam 12 mil empregos para fazer uma coisa, para fazer outra coisa e qual é aquela coisa. E a gente não está fazendo isso, porque nós todos estamos aprisionados à lógica do desenvolvimento econômico, achando que o desenvolvimento econômico resolverá os problemas sociais. E no Brasil ele às vezes agrava os problemas sociais. Então para que todos cheguem na universidade é preciso primeiro que todos terminem o segundo grau. E esse tem que ser o esforço fundamental.

Segundo, que ninguém termina o segundo grau por ser rico ou pobre. Isso é que é grave hoje. Termina por ser rico, não termina por ser pobre. Agora, terminando, sem ser por discriminação social e sim por competência, aí vai continuar tendo um processo de seleção para ver qual é aquele que vai ser o melhor médico, qual é aquele que vai ser o melhor engenheiro, qual é aquele que vai ser o melhor professor de Geografia, Física, Matemática. Aí não há necessidade de todos, mas há a necessidade de todos que terminem o segundo grau, que comam bem, que tomem água limpa, que nunca tenham cólera, que não fiquem numa fila para serem atendidos quando estiverem doentes.

Na questão do Congresso Nacional, deputado Osório Adriano, essa questão da fome, questão de desemprego também em Brasília, o senhor, que também é empresário na capital federal, o que a bancada de Brasília, unida, está fazendo para resolver esse problema?



Edgar Lisboa (D) trocou idéias com o deputado Osório Adriano

Osório Adriano — Primeiramente eu queria esclarecer ao nosso professor Cristóvão Buarque de que eu complementaria esses cinco itens com o emprego. Felizmente, ainda, não estamos com problemas muito graves de fome, mas eles existem. E outro dia eu recebi no meu gabinete uma senhora que entrou em prantos. Ela está trabalhando e o marido está trabalhando, mas ainda assim não estão tendo o suficiente para alimentar os filhos. Quer dizer, é um problema que está se agravando ainda mais quando se trata de subemprego, que é tão ruim quanto o desemprego.

Então eu complemento aos itens ditos pelo nosso professor Cristóvão Buarque de que o emprego é realmente necessário para dar equilíbrio à famí-

lia. Queira repetir a pergunta.

Em relação à bancada do Distrito Federal.

Osório Adriano — Olha, a bancada tem estado unida, buscando soluções. Existe um projeto de um senador, o senador Pedro Teixeira, que cria o Fundo de Participação do Distrito Federal. Todos nós apoiamos esse fundo, porque esse fundo estará trazendo recursos para o nosso Distrito Federal. Recentemente, nós fizemos várias emendas coletivas de toda a bancada ao Orçamento da União, buscando também minorar as dificuldades aqui do nosso governador Joaquim Roriz.

Tem outros projetos em andamento, todos com o apoio de toda a bancada — dos três senadores e dos oito de-

putados. Então há uma preocupação constante. Não importa o partido, a ideologia, mas importa sim, o nosso Distrito Federal, o nosso povo. Essa tem sido a postura da bancada do Distrito Federal, felizmente.

A questão do desemprego, um parque industrial aqui na capital federal, se ele vier a ser criado, já que temos aí problemas financeiros — há um corte de quase 50% —, se for criado um parque industrial em Brasília, o Banco do Brasil tem condições de financiar os empresários para que possam desenvolver esse parque?

Alcir Calliari — Veja, é um dos temas que me caracterizam desde a posse. Eu acho que os bancos todos, e principalmente, os bancos de Governo têm que voltar a financiar a área produtiva. No sistema econômico que nós temos montado está prevalecendo a especulação financeira. O descaso com os destinos do próprio País é das regiões.

Portanto, os bancos, e o Banco do Brasil eu não tenho nenhuma dúvida, têm que se voltar, totalmente, para o desenvolvimento da indústria e da agricultura. Nós estamos rearrumando as linhas do Banco do Brasil nesse sentido.

Só para dar um exemplo da circunstância encontrada: o Banco do Brasil separa 5% do seu lucro para financiar pesquisas e financiar desenvolvimento de comunidades dentro da Fundação Banco do Brasil. Pois eu encontrei esse dinheiro todo sendo aplicado na ciranda financeira, e o dinheiro todo, que chega a Cr\$ 3 trilhões, estava sendo usado por especulação quando tinha um fim específico definido pelo próprio estatuto da Fundação.



● ● Nós consumimos 1% da energia elétrica, temos praticamente 1% da população, somos 1% do Brasil e somos a capital. Refletir sobre Brasília é, de forma ainda laboratorial, ou em termos de amostragem, refletir sobre o Brasil ● ●

José Roberto Arruda

# A especulação ainda prevalece

Dá margem a verificar que as vantagens alternativas de especular estão prevalecendo e estão criando uma cultura inadequada para os destinos do País.

Um país só é forte, uma região só é forte, uma cidade só é forte quando produz riquezas ou quando é capaz de fazer coisas adequadas ao seu desenvolvimento, e não pela especulação, como vem prevalecendo.

O Banco do Brasil vai se voltar fortemente, e já está se voltando, e no Distrito Federal com muito mais razão porque é a cidade que abriga a sua sede, é a cidade que nos dá nome ao próprio Banco do Brasil. Nós fazemos questão de trabalhar duramente nessa linha. Nós estamos fazendo uma mudança muito grande no Banco do Brasil em Brasília.

Nós definimos, encontramos o Banco do Brasil, em todo o País, o pior atendimento, o pior Banco do Brasil é o de Brasília, que é surpreendente e duro para se entender. Quer dizer, aqui onde se fazem os destinos do País o Banco do Brasil atende mal.

Então nós estamos trabalhando agora, com dureza, num plano para colocar o Banco do Brasil de Brasília como cartão de visita do País. E os destinos da cidade, os destinos do Distrito Federal vão ser tratados com muito carinho dentro do Banco do Brasil. Financiamento, área industrial, criação de emprego, linhas próprias para o desenvolvimento nos estão tomando tempo dentro da visão de que são importantes.

Quero, também, deixar para o debate, porque é importante dentro da visão do ano 2000. Temos que definir com mais clareza a vocação do Distrito Federal. A vocação política se tem clara, mas na hora que fugiu ao plano inicial, e hoje não é uma cidade que vai abrigar 500 mil funcionários e vai ter uma rede de serviços para essa sustentação. Hoje nós temos que raciocinar na sustentação de 2 milhões de habitantes. Que tipo de vocação industrial pode se preservar e se desenvolver sem afetar o plano original? Como nós podemos dar dignidade a esse conjunto que aí está se instalando? Que vantagens comparativas Brasília tem em relação ao resto do país para que não se monte aqui artificialismos que tenham que se ser sustentados com subsídios inadequados.

Nós devemos gastar um tempo nas discussões para: que tipo de indústria deve se instalar aqui, porque ela tem condições de sobreviver, quais nossas vantagens comparativas todas?

Num dos debates anteriores um empresário de Brasília, o Dr. Luiz Estevão, falou com muita propriedade que nós poderíamos montar agroindús-



Osório Adriano (gesticulando) disse que a bancada do DF no Congresso atua de forma integrada

trias de qualidade para atender à demanda que já está instalada e com isso sustentar um nível de emprego adequado também ao desenvolvimento daqui. Eu acho que no Banco do Brasil tem tudo a ver, respondendo à sua pergunta.

Nós temos menos de 10 minutos de programa e eu pergunto ao Secretário José Roberto Arruda: Qual vai ser o papel das cidades-satélites no ano 2000 diante dessa colocação do Presidente do Banco do Brasil?

José Roberto Arruda — Na minha visão só tem um caminho: é o caminho da auto-sustentação econômica, da geração de empregos nas cidades-satélites e no entorno. Agora, para isso não adianta uma política urbana coerente, que até estamos fazendo, que o governador Roriz está fazendo.

Outros eventualmente podem ter críticas. Na minha opinião a cidade está bem cuidada, está limpa, está arrumada, o Governo está aplicando os seus recursos em geração de empregos e em obras que visam à estruturação da cidade. Me parece que a política urbana só não dá. Se não houver uma política nacional e desenvolvimento regional integrado, aqui será um oásis em termos de qualidade de vida de uma região economicamente desértica e socialmente extremamente injusta.

É preciso gerar empregos, portanto, nas satélites e no entorno. Mas eu gostei da idéia da subversão do professor Cristóvam, e vou propor aqui a seguinte subversão — se eu tivesse mais 10 minutos acho que poderíamos discutir cada uma dessas políticas urbanas, vantagens e desvantagens e até sair daqui corrigindo erros. Como nós temos menos de 10 minutos, eu vou propor a reflexão sobre um exemplo, porque Brasília é um retrato 3x4 do Brasil. Nós consumimos 1% da energia elétrica, temos praticamente 1% da população, nós somos 1% do Brasil e somos a capital. Refletir sobre Brasília

é, de forma ainda que laboratorial, refletir, ou em termos de amostragem, refletir sobre o Brasil.

Eu proponho a seguinte reflexão: “Vamos todos nós agora, na hora do almoço, lá para a rua do Florentino, e vamos almoçar no Florentino — é claro que o deputado Alcir Calliari e o deputado Osório pagam a conta — aí chegamos no Florentino, na hora de estacionar o carro no Florentino vem um garoto, descalço, com a camisinha rasgada, provavelmente resto da campanha eleitoral do ano passado com o nome de algum candidato, normalmente candidato derrotado que distribui mais camisetas, e aí quer vigiar o seu carro. E você deixa ele vigiando o seu carro.

Aí você entra no Florentino. Nas mesas ao lado das nossas estarão sentadas pessoas com gravatas Hermes e ternos importados, discutindo grandes negócios.

Eu proponho a seguinte reflexão: “Quem tem a maior dificuldade? Aquele garoto que está vigiando o nosso carro, de conseguir, de 10 em 10 cruzeiros, o dinheiro para comer, e quem sabe levar um restinho para casa, ou o empresário paulista, mineiro, carioca, que está sentado numa mesa daquelas do Florentino, onde as pessoas vão para ser vistas e não para se alimentar, para ganhar US\$ 1 milhão num negócio que ele faz ali em meia hora?”

Eu posso te garantir, no atual modelo econômico do Brasil, e com a atual pirâmide política que se formou, o empresário tem muito mais facilidade de num almoço ganhar US\$ 1 milhão do que o menino lá de fora de ganhar dinheiro para almoçar. Não tem jeito. Podemos discutir todas as políticas urbanas, todas as políticas econômicas e sociais em tese. Se nós não mudarmos isso, basicamente, quer dizer, um mínimo de igualdade e de oportunidade para as pessoas mais po-

bres, esse País vai, inexoravelmente, marchar para afunilar a pirâmide social e tornar a sociedade do ano 2000 ainda mais injustiçada. Brasília continuará sendo o retrato de 1% do Brasil.

Eu acho que isso passa por uma mudança cultural, isso passa por uma mudança política, e eu quero lembrar que felizmente estamos aqui no dia 21 de abril, o dia do plebiscito. É a primeira vez que eu, como eleitor, voto em idéias, ao invés de votar em gente. E infelizmente o povo brasileiro não conseguiu ser motivado suficientemente para a importância de votar em idéias do que em gente.

Nós estamos já nos acostumando com a democracia representativa, mas ainda estamos muito primários no que diz respeito a uma democracia participativa. Eu acho que se nós não mudarmos essa questão do exemplo do Florentino nós estamos fulminados.

E sabe como é que precisa mudar? Invés da gente fazer o próximo debate — que eu acho essa iniciativa maravilhosa, de vocês — nessa sala bonita aqui do *Jornal de Brasília*, eu sugiro que o próximo debate seja no centro de Samambaia, com toda população nos assistindo, e com direito a grito, porque se nós não discutirmos as soluções do Brasil lá no meio do povo nós seremos mais alguns ideólogos, que como todos nós aqui viemos de famílias humildes, pobres, ascendemos a pirâmide social e aí viramos ideólogos de um regime utópico, que ainda que perfeito, em tese, não tem a participação e a consonância com o que pensa a população.

O que acho importante é que discussões como essas sejam lá na praça central de Samambaia, cercada de gente, em Ceilândia, em Sobradinho, e que a dona de casa, humilde, possa, com a sua simplicidade, levantar e dizer: “Olha, eu estou preocupada é com o preço do pão, é com o preço do leite, é com o esgoto, com a escola do

● ● Na minha visão, só tem um caminho: é o da auto-sustentação econômica, da geração de empregos nas cidades-satélites e no Entorno. Agora, para isso não adianta só uma política urbana coerente como o governador Roriz está fazendo ● ●

José Roberto Arruda



# Monopólio prejudica transporte

meu filho", e que a partir do exemplo concreto, como o que eu dei, do Florentino, a gente possa construir um novo País.

Lançada essa sugestão do secretário José Roberto Arruda, a Rádio Nacional, a TV Nacional e o Jornal de Brasília aceitam essa sugestão, e vamos discutir no centro de Samambaia a questão do transporte coletivo em Brasília, saber por que que ele é tão caro aqui na capital federal. Nós temos menos de cinco minutos, reitor, para essa colocação do secretário Arruda.

Cristóvam Buarque — Só que eu espero que o Metrô, que o José Roberto está sendo um dos que constrói, na viagem de Taguatinga para o Plano Piloto seja mais rápido do que o tempo que ele está usando nesse debate, porque ele está falando muito tempo.

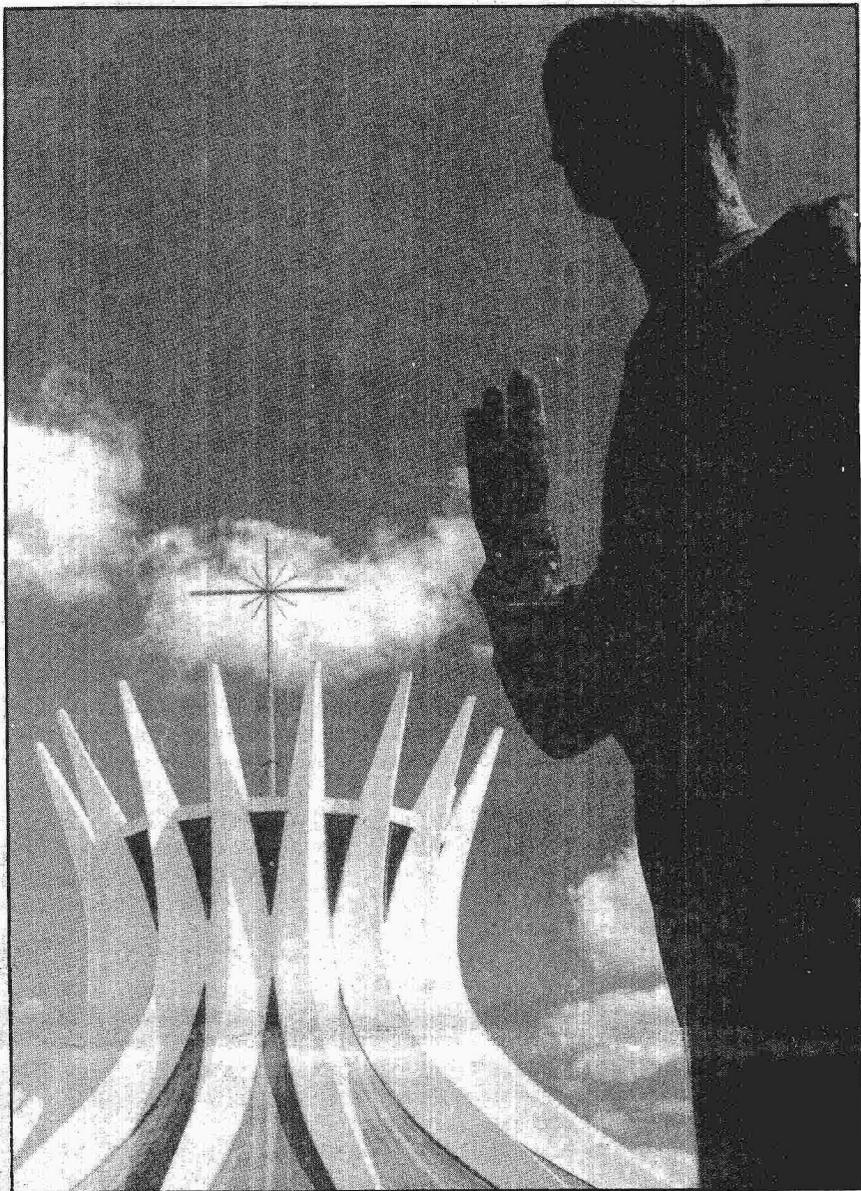
Eu queria dizer, também para o José Roberto, que ainda não é o plebiscito das idéias, a gente ainda está discutindo um plebiscito por sistema e forma de governo. Para que é que a gente usa a terra do Brasil? Para exportar mais soja ou para comer mais feijão? Para isso eu quero um plebiscito, um plebiscito inclusive sobre o uso dos locais. Por exemplo, um plebiscito sobre se faz um Metrô ou se melhora as escolas, se for o caso de ter que escolher. O ideal é que tenha os dois.

Eu queria um plebiscito de idéias, um plebiscito de uso dos recursos. E aí, doutor Osório, eu queria dizer o seguinte: eu não coloquei o emprego e nem coloquei o oxigênio entre os objetivos da gente. O oxigênio é fundamental — e eu digo porque eu tenho asma de vez em quando e sei como é importante —, mas a gente não põe, porque isso é o óbvio. Mas o emprego é meio, o emprego não é fim.

Agora, para você alimentar todo mundo tem que dar terra para o povo trabalhar, para você fazer educação tem que aumentar o salário do professor e contratar mais professores. O emprego é meio. Se a gente trabalhar num emprego como fim a gente não vai resolver, até porque não há capital suficiente nesse País — capital no sentido de dinheiro — para empregar 70 milhões de trabalhadores que nós temos com um salário capaz de ele pagar essas cinco coisas: escola, educação, saúde, etc. Não dá.

Então, pelo menos algumas dessas coisas têm que ser oferecidas pelo setor público, e não apenas compradas através de um salário que não vai dar. Eu não sei qual é o salário médio das novas indústrias de Brasília, mas certamente serão salários que não darão para comprar essas cinco coisas.

Então o problema é mais profundo. A gente precisa da subversão na lógica como a gente analisa os proble-



mas brasileiros e os problemas do retrato do Brasil, que Brasília é.

José Roberto Arruda — Eu só falo muito porque não consigo falar tão bem quanto ele.

De Taguatinga ao Plano Piloto será muito rápido. Sabe por quê? Porque hoje há um monopólio terrível de poucos empresários de transportes que ficaram ricos à custa de um preço de passagem alta. O transporte de Brasília é caro e ruim porque é monopolizado. O governo está assumindo isso através do Metrô para torná-lo socialmente mais justo.

Deputado Osório Adriano — Menos de um minuto.

Deputado Osório Adriano — Eu queria dizer rapidamente ao professor Cristóvam que se mede o nível do emprego através da rotatividade dentro da própria empresa. E eu quero lhe dizer que a média de tempo de casa do meu pessoal é de cerca de 10 anos. Então eu lhes responderia a respeito dessa questão levantada, se é fim ou se é meio, numa outra oportunidade.

Agora eu queria apenas lembrar aqui, porque se falou muito na integração de Brasília dentro do Centro-Oeste com os nossos vizinhos, com Goiás, com a Bahia, com Minas Gerais e Mato Grosso, mas eu quero lembrar e citar um exemplo de que sobretudo, e nós vamos tentar defender essa tese agora na revisão constitucional, a respeito das dificuldades tributárias que existem entre os Estados: precisamos fazer uma reforma tributária para que isso tudo aqui seja viável, tudo que foi discutido aqui, senão vai acontecer o que aconteceu aqui há pouco tempo. Construíram-se duas fábricas de soja, uma em Goiás e outra dentro do Distrito Federal. A de Goiás floresceu, a do Distrito Federal já está no seu terceiro proprietário e eu acho que ainda está parada, está com promessa de que vai reabrir.

O nosso tempo está esgotado.

Eu gostaria de agradecer aqui a presença do presidente do Banco do Brasil, Alcir Calliari; do ex-reitor da Universidade de Brasília, Cristóvam Buarque; do secretário de Obras, José Roberto Arruda; e o deputado federal Osório Adriano, lembrando que na próxima quarta-feira, dia 28, às 9 horas da manhã, teremos a solenidade de encerramento desse Brasília em Debate, no auditório do Palácio do Buriti.

Teremos a presença do governador Joaquim Roriz, do ministro Henrique Hargreaves, chefe da Casa Civil da Presidência da República, e também a presença do ex-presidente da República, o atual senador José Sarney.